

O DIAGNÓSTICO TURÍSTICO NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE SINALIZAÇÃO DE ORIENTAÇÃO TURÍSTICA

Emanoel Silva AMORIM¹

Resumo

A estratégia de sinalização é basicamente a definição de como pedestres e usuários de veículos podem utilizar a infraestrutura local, para atingir os atrativos existentes por meio da escolha dos melhores trajetos. Partindo-se da abrangência e do conhecimento que a população tem desses atrativos, é possível selecioná-los e hierarquizá-los. O presente trabalho tem objetivo de apresentar as etapas metodológicas e resultados obtidos no processo de elaboração do diagnóstico turístico do projeto de sinalização de orientação turística do Polo Turístico Serrano, situado no estado do Rio Grande do Norte, realizado durante o período de setembro/2015 a junho/2016. Utilizando a metodologia de pesquisa subdividida em duas partes: a identificação dos atrativos turísticos e a sua hierarquização, seguindo as diretrizes no relatório de roteirização turística descritas no Módulo 7 (MTur, 2007). Através do diagnóstico turístico foram identificados 46 atrativos, sendo considerados viáveis com pequenas adequações apenas 05 atrativos. Além disso, 29 atrativos foram considerados viáveis com grandes adequações e 12 atrativos sendo inviáveis. Dessa forma, conclui-se que diagnóstico turístico é uma ferramenta imprescindível de planejamento, tendo como premissa a investigação do fenômeno turístico sob diferentes ângulos de observação, ou seja, sob a forma de segmentos de mercado.

Palavras chave: Sinalização Turística; Roteirização Turística; Atrativo Turístico.

Abstract

The signaling strategy is basically the definition of how pedestrians and vehicle users can use the local infrastructure, to reach the existing attractions by choosing the best routes. Based on the scope and knowledge that the population has about these attractions, it is possible to select and rank them. The present work aims to present the methodological steps and results obtained in the process of elaborating the

1 Mestrando em Engenharia Civil no Programa de Engenharia Civil (Escola Politécnica da Universidade de Pernambuco (POLI /UPE). Atualmente é pesquisador do POLITECH - Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Tecnologia e Gestão da Construção de Edifícios (POLI/UPE) . Email: esa7@poli.br

tourist diagnosis of the tourist orientation signage project of the Polo Turístico Agreste/Trairí, located in the state of Rio Grande do Norte, carried out during the period of September/ 2015 to June/2016. Using the research methodology divided into two parts: the identification of tourist attractions and their hierarchy, following the guidelines in the tourist routing report described in Module 7 (MTur, 2007). Through the tourist diagnosis, 46 attractions were identified, being considered viable with small adjustments only 05 attractions. In addition, 29 attractions were considered viable with major adaptations and 12 attractions being unfeasible. Thus, it is concluded that tourist diagnosis is an essential planning tool, having as its premise the investigation of the tourist phenomenon from different angles of observation, that is, in the form of market segments.

Keywords: Tourist Signs; Tourist Routing; Tourist Attractiveness.

1. Introdução

Atualmente, “os sistemas de sinalização do trânsito foram se tornando mais complexo e onipresente, atendendo a demanda do usuário de se localizar e de fornecer o melhor acesso às atrações e recursos turísticos de um território” (RODRIGUES; AMORIM, 2018, p. 181). Por isso, a sinalização de orientação turística (SOT) surgiu com o objetivo de proporcionar informações e contribuir ao processo de difusão do conhecimento e do desenvolvimento dos atrativos e da atividade turística, potencializando a geração de empregos e divisas, além de permitir a democratização do acesso ao bem cultural e sua consequente valorização pela comunidade à qual pertence (MORAES, 2010).

Dessa forma, para atender aos usuários em seus diversos deslocamentos é necessário o estabelecimento de critérios específicos, por meio da padronização e da sequência de mensagens apresentadas nas SOT (AMORIM; GOMES, 2017), as quais se tornam dispositivos que facilitam o deslocamento e a acessibilidade aos atrativos turísticos e aos equipamentos de interesse dessa atividade, se integrando a infraestrutura necessária ao turismo local (SILVA; CASTRO, 2017). Entretanto, “a sinalização vertical de orientação turística, quando existente, é muitas vezes insuficiente e sem padronização, dificultando aos usuários a compreensão das mensagens” (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001, p. 20). Para tanto, com base nos planejamentos regional, urbano e turístico, assim como na política de preservação, devem ser formuladas diretrizes que resguardem seus valores,

incentivem o turismo responsável e contemplem as atrações existentes (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001).

Portanto, deve ser feito o diagnóstico turístico, que é conhecido por apresentar um levantamento criterioso dos atrativos existentes em cada localidade, identificando o potencial turístico e as condições oferecidas para recebimento do público-alvo. Sendo avaliada a sua distribuição na área a ser sinalizada, observando se estão dispersos ou concentrados, ou se ocorre as duas situações (RODRIGUES; AMORIM, 2018). E posteriormente, os atrativos identificados são hierarquizados de acordo com os critérios de atratividade, atendimento e abrangência dentro da região, do município, ao longo de uma rodovia ou de outro sistema viário de importância, levando em consideração o segmento de turismo promovido pelos atrativos, orientando a seleção e a ordenação das mensagens nas placas de sinalização (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001).

Dito isso, o presente trabalho tem objetivo de apresentar as etapas metodológicas e resultados obtidos no processo de elaboração do diagnóstico turístico do projeto de sinalização de orientação turística do Polo Turístico Agreste/Trairí, situado no estado do Rio Grande do Norte, realizado durante o período de setembro/2015 a junho/2016.

2. Caracterização da área

Caracterizado pelo clima ameno que varia entre 16 e 22 graus, durante boa parte do ano, o Polo Serrano está localizado no semiárido nordestino, apresentando um relevo de montanhas e grutas, os quais favorecem o ecoturismo e o turismo de aventura. Além do clima de serra, que se mostra bastante convidativo, o polo dispõe de diversas opções naturais e gastronômicas, conferindo uma experiência diferenciada associada ao calendário de eventos da região (conforme Figura 1 e 2).

Figura 1 – Lajedo Soledade, Apodi/RN



Fonte: Autores (2016).

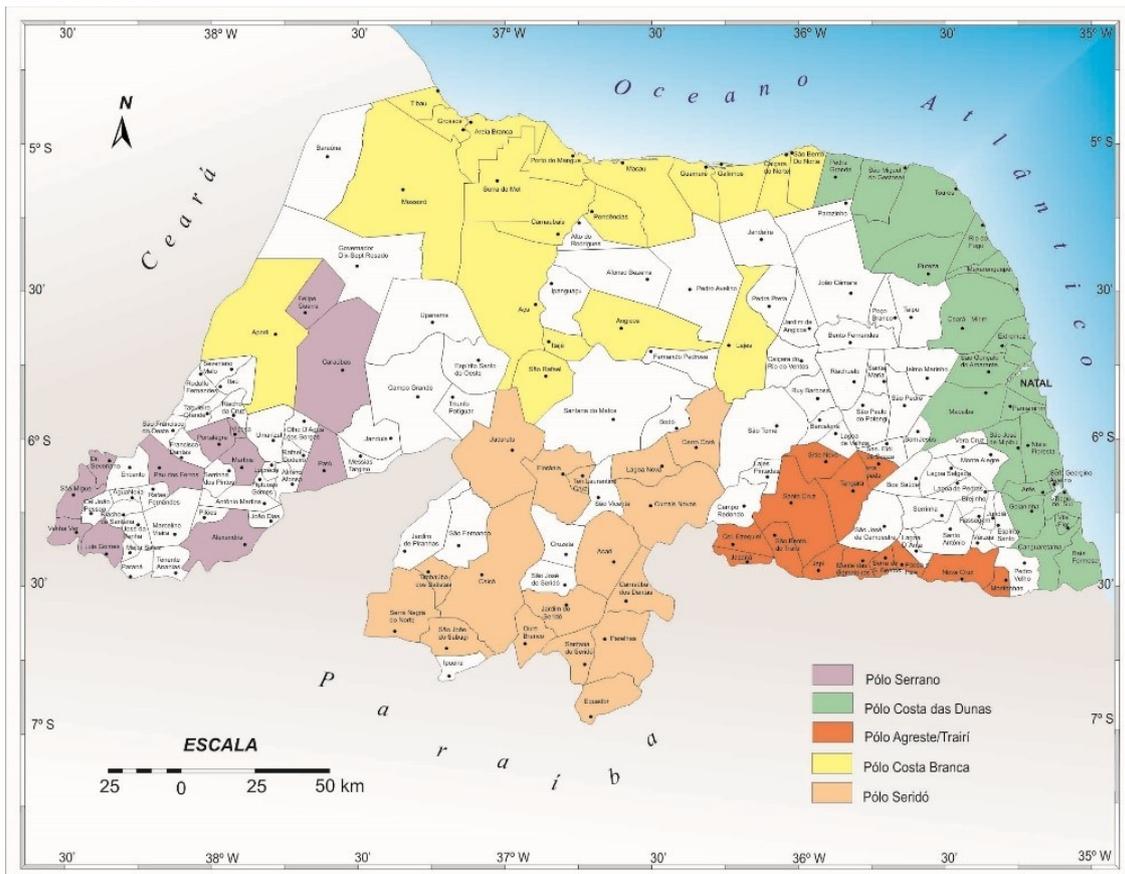
Figura 2 – Centro Histórico de Apodi, Apodi/RN



Fonte: Autores (2016).

Dentre os municípios que compõem o polo, encontram-se: Alexandria, Apodi, Caraúbas, Doutor Severiano, Frutuoso Gomes, José da Penha, Luís Gomes, Lucrécia, Martins, Major Sales, Patu, Pau dos Ferros, Portalegre, São Miguel, Serrinha dos Pintos, Riacho da Cruz, Venha Ver, Viçosa, conforme Figura 3.

Figura 3 – Regiões Turísticas no Rio Grande do Norte, identificadas pelo Ministério do Turismo



Fonte: MTUR, Mapa da Regionalização do Turismo (2006).

3. Procedimentos metodológicos

3.1 Etapa 01 – Identificação dos atrativos turísticos

A identificação dos atrativos com potencial turístico no polo foi iniciada a partir da pesquisa em dados secundários, tendo a pesquisa inicial constado, ademais, de conversas com a Secretaria de Turismo do RN, a fim de buscar mais informações concernentes ao polo. Também, frente ao levantamento preliminar de atrativos,

foram realizadas reuniões com a Secretaria a fim de ratificar os potenciais atrativos a serem visitados, os quais poderiam sofrer alterações a partir da observação *in loco*.

Antes da realização da coleta de dados *in loco* e articulação de conversas com atores locais, foi definida uma estratégia de visitação a qual contou com o apoio da Secretaria de Turismo do RN, inclusive, posteriormente no acompanhamento das atividades de campo.

Para a realização da coleta de dados *in loco*, foi utilizado como referência o guia do Inventário da Oferta Turística (MTur, 2011), elaborado pelo Ministério do Turismo, o qual visa contribuir na estruturação do turismo sustentável, orientando e auxiliando no processo de dimensionamento da atividade turística. Para tanto, foram utilizados os formulários relativos aos atrativos identificados e manual operacional (conforme modelo apresentado na Figura 04), também disponibilizados pelo MTur, a fim de auxiliar na categorização e levantamento das informações dos equipamentos nos municípios visitados.

Figura 4 – Modelo de formulário de identificação de atrativos

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO AMPARO	
	
DESCRITIVO DAS ESPECIFICIDADES DO ATRATIVO: A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo promove a realização de sacramentos, eventos religiosos, e ações sociais.	
NOME POPULAR: MATRIZ DE NOSSA SENHORA CNPJ: 08.026.122/0029-60 CATEGORIA: C.2. ATRATIVOS CULTURAIS TIPO: C.2.13. ARQUITETURA RELIGIOSA SUBTIPO: C.2.13.1. IGREJA NATUREZA: PRIVADA TIPO DE ORGANIZAÇÃO/ INSTITUIÇÃO: ASSOCIAÇÃO LOCALIZAÇÃO: URBANA LATITUDE: 6°22'58.01" LONGITUDE: 36°12'55.78" ENDEREÇO: PRAÇA JOSÉ PEDRO DE FARIAS, CENTRO - CEP: 59.220-000 ENDEREÇO ELETRÔNICO: pe.otto@ig.com.br e og.vieira@uol.com.br SÍTIU ELETRÔNICO (SITE/ PÁGINA WEB): N/L	
POTENCIAL DE ATIVIDADE DO ELEMENTO: 01 GRAU DE USO ATUAL: 02 REPRESENTATIVIDADE: 01 APOIO LOCAL E COMUNITÁRIO: 03 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM CIRCUNDANTE: 01 INFRAESTRUTURA: 02 ACESSO: 03 PONTUAÇÃO TOTAL: 15	
OBSERVAÇÕES O horário de funcionamento nas terças, quartas e sextas às 19h, aos sábados às 19h, aos domingos às 19h e na primeira Sexta de cada mês às 06h30.	
REFERÊNCIAS Observações <i>in loco</i> .	
LEGENDA Potencial de atividade: 0 - Nenhum; 1 - Baixo; 2 - Médio; 3 - Alto Grau de uso atual: 0 - Nenhum; 1 - Pouco usado; 2 - Médio; 3 - Muito usado Representatividade: 0 - Nenhuma; 1 - Elemento Baixo; 2 - Elemento Médio; 3 - Elemento Alto Apoio local e comunitário: 0 - Nenhum; 1 - Apoio para uma pequena parte da comunidade; 2 - Apoio moderado; 3 - Apoio para grande parte da comunidade Estado de conservação da paisagem circundante: 0 - Excelente; 1 - Bom; 2 - Regular; 3 - Ruim Acesso: 0 - Excelente; 1 - Bom; 2 - Regular; 3 - Ruim	
Diagnóstico Turístico Polo Agreste/Trairi Coronel Ezequiel Cód. cação: 01-2402808.01	

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

3.2 Etapa 02 – Hierarquização dos atrativos turísticos

Após a sistematização dos atrativos com potencial turístico nos polos, realizou-se o processo de hierarquização, o qual teve como base a metodologia no MTur apresentada no relatório de Roteirização Turística (Módulo 7 – MTur, 2007), e que entende enquanto atrativos turísticos: locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações que tenham a capacidade de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los (MTur, 2007). A metodologia sugerida pelo MTur é uma adaptação daquela utilizada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR) para a hierarquização de atrativos turísticos.

O objetivo da aplicação dessa metodologia é auxiliar na avaliação do grau de importância dos atrativos identificados, possibilitando a priorização dos mesmos para auxiliar na tomada de decisões pelos gestores. Desse modo, foram realizadas duas etapas onde num primeiro momento foi avaliado o potencial de atratividade do elemento, conforme sua especificidade e interesse que ele pode despertar nos turistas, sendo atribuídos conceitos que variam de 0 (zero) a 3 (três); observando-se também toda a pesquisa de campo, reuniões técnicas e pesquisas secundárias. Para tanto, são considerados os seguintes critérios:

Figura 5 – Critérios de avaliação do potencial de atratividade

Hierarquização	Caracterização
3 (Alto)	É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais e potenciais.
2 (Médio)	Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país ou estrangeiro, em conjunto com outros atrativos próximos a este.
1 (Baixo)	Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares no próprio país, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou capazes de motivar fluxos turísticos regionais e locais (atuais e potenciais).
0 (Nenhum)	Atrativos sem mérito suficiente, mas que formam parte do patrimônio turístico como elementos que podem complementar outros de maior hierarquia. Podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular.

Fonte: Roteirização Turística (MTUR, 2007)

Em seguida, são avaliados outros aspectos que possibilitam a definição da hierarquia, conforme indicado a seguir:

- a. Grau de uso atual: considera o atual fluxo turístico e sua importância para o município. Por representar a situação atual, por isso difere do potencial de atratividade. Um alto grau de uso indica que o atrativo apresenta uma utilização turística efetiva.
 - b. Representatividade: fundamenta-se na singularidade ou raridade do atrativo. Quanto mais se assemelhar a outros atrativos, menos interessante ou prioritário.
 - c. Apoio local e comunitário: analisa o grau de interesse da comunidade local para o desenvolvimento e disponibilidade ao público, a partir da opinião dos líderes comunitários.
 - d. Estado de conservação da paisagem circundante: verifica-se, a partir da observação in loco, o estado de conservação da paisagem que circunda o atrativo.
 - e. Infraestrutura: observar, in loco, a existência de infraestrutura disponível no atrativo e o estado desta.
 - f. Acesso: deve-se verificar as vias de acesso existentes e as condições de uso destas.
- (MTUR, 2007, p. 35)

Tais itens foram numerados 0 a 3, conforme Figura 6, tendo como parâmetro de comparação os próprios atrativos do Polo.

Figura 6 – Critérios de classificação hierárquica

CRITÉRIOS	VALORES			
	0	1	2	3
Potencial de atratividade	Nenhum	Baixo	Médio	Alto
Grau de uso atual	Fluxo turístico insignificante	Pequeno fluxo	Média intensidade de fluxo	Grande fluxo
Representatividade	Nenhuma	Elemento bastante comum	Pequeno grupo de elementos similares	Elemento singular, raro
Apoio local e comunitário	Nenhum	Apoiado por uma pequena parte da comunidade	Apoio razoável	Apoiado por grande parte da comunidade
Estado de conservação da paisagem circundante	Estado de conservação péssimo	Estado de conservação regular	Bom estado de conservação	Ótimo estado de conservação
Infraestrutura	Inexistente	Existente, porém em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/ melhorias	Existente e em ótimas condições

Fonte: Roteirização Turística (MTUR, 2007)

Segundo a metodologia do MTur, os itens “potencial de atratividade” e “representatividade” devem receber a pontuação em dobro, ou seja, ter peso dois, por serem mais significativos em comparação com os demais itens avaliados.

4. Análise e discussão

As informações apresentadas neste tópico referem-se ao levantamento in loco, realizado pela equipe de pesquisadores, onde foram identificados 92 (noventa e dois) atrativos. Na Figura 7 e 8 é apresentado o resultado da hierarquização dos atrativos turísticos do Polo:

Figura 7 – Hierarquização dos atrativos (parte 01/02)

AMORIM / O DIAGNÓSTICO TURÍSTICO NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS...

Atrativos Polo Serrano	Critérios de Hierarquização							TOTAL
	Potencial de Atratividade (X2)	Grau de Uso Atual	Representatividade	Apoio Local e Comunitário	Estado de Conservação da Paisagem Circundante	Infraestrutura	Acesso	
ALEXANDRIA								
Igreja de Nossa Senhora da Conceição	1	2	1	3	2	2	2	15
Capela de Santa Filomena	1	1	1	1	1	0	1	8
Casa de Cultura Popular	1	1	1	2	1	1	2	11
Serra da Barriguda	1	2	2	2	2	0	2	14
Serra de Santana	1	0	1	1	0	0	1	6
Escola Waldemar de Sousa Veras	1	0	0	1	1	2	2	8
Instituto Zulmirinha Veras	0	0	1	2	0	1	1	6
APODI								
Lajedo Soledade	2	2	3	3	2	2	2	21
Casa de Cultura P. Palácio Soledade	0	0	1	2	1	1	2	8
Igreja Matriz de N. S. da Conceição	1	0	1	2	1	0	2	9
Zoológico de Pedras	0	0	2	0	0	0	1	5
Barragem de Santa Cruz	1	1	1	3	1	1	1	11
Centro Histórico	1	0	2	1	1	1	2	11
CARAÚBAS								
Paróquia de São Sebastião	0	0	1	1	1	2	2	8
Casa de Cultura Popular de Caraúbas	1	0	1	2	1	1	2	10
Casarão do Sabe Muito	1	0	1	0	0	0	1	5
Casa de Quincas Saldanha	1	0	1	0	0	0	1	5
Mercado Público de Caraúbas	0	0	1	1	2	0	2	7
Olho D'água Park Hotel	1	1	2	3	1	2	2	15
DOUTOR SEVERIANO								
Igreja de Santa Luzia	1	3	1	3	2	3	3	18
Associação Artística, Cultural e Musical	1	2	1	2	0	1	1	10
FRUTUOSO GOMES								
Casa de Cultura de Frutuoso Gomes	0	0	1	1	2	2	2	9
Trilha do Pé de Serra	1	0	2	1	1	0	1	9
Museu Mumbaça	0	0	3	2	2	0	3	13
Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro	0	0	1	2	2	0	2	8
JOSÉ DA PENHA								
Igreja de São Francisco de Assis	0	0	1	2	2	0	2	8
Açude da Barra	1	0	1	2	0	1	2	9
Museu Cultural do Sertanejo Chico Bento	0	0	1	0	1	0	3	6
LUÍS GOMES								
Complexo Turístico Mirante	1	3	1	3	2	3	3	18
Cachoeira do Relo	1	3	1	3	3	3	2	18
Igreja de Senhora Santana	1	3	1	2	1	2	3	15
Mercado Público de Luís Gomes	0	0	1	1	1	1	2	7
Casa de Engenho	1	0	1	1	0	0	1	6
Casa de Farinha	1	0	1	1	0	0	1	6
Alto do Tabor	2	0	1	2	0	0	1	9
LUCRÉCIA								
Cruz dos Três Heróis	1	0	2	2	1	0	1	10
Açude de Lucrécia	1	0	1	1	0	0	1	6
Trilha do Mirante de São João	0	0	1	0	0	0	1	3
Casa de Egidio Dias	1	0	2	1	1	0	2	10
Caldeirões	1	0	2	0	1	0	1	8
MARTINS								
Igreja Matriz N. S. da I. Conceição	1	2	1	2	2	3	3	16
Nicho Nossa Senhora do Livramento	0	0	1	1	1	2	2	8
Museu Histórico de Martins	2	2	2	2	1	1	2	16
Museu Cultural Demétrio Lemos	2	1	3	2	2	2	3	20
Memorial Manoel Lino de Paiva	1	2	2	1	1	2	2	14
Museu Junior Marcelino	1	1	1	1	1	0	3	10
Mirante da Carranca	1	3	2	3	3	3	3	21
Mirante do Canto	1	3	2	3	3	3	3	21
Mirante Encanto da Serra	1	3	2	3	3	3	3	21
Mirante Mãe Guilé	1	3	2	3	3	2	2	19
Cada de Pedra	2	2	3	3	2	3	1	21
Pedra Rajada	1	2	2	2	2	0	2	14
Pedra do Sapo	1	1	2	2	0	0	1	10
Trilha Pôr- do-sol	0	0	1	1	0	0	1	4
Reserva Ecológica do Senhor Clezinho	0	0	1	1	0	0	1	4

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 8 – Hierarquização dos atrativos (parte 02/02)

Atrativos Polo Serrano	Critérios de Hierarquização							TOTAL
	Potencial de Atratividade (X2)	Grau de Uso Atual	Representatividade	Apoio Local e Comunitário	Estado de Conservação da Paisagem Circundante	Infraestrutura	Acesso	
MAJOR SALES								
Associação Comunitária Sociocultural	0	0	1	3	2	1	2	10
Museu Cultural Francisca Dantas de Moraes	0	0	1	2	2	0	2	8
Museu Cultural Major Sales	0	1	1	3	1	1	2	10
Pontinho da Cultura	0	0	1	1	0	0	1	4
PATU								
Museu Rural de Patu	1	2	2	2	1	1	2	14
Santuário de N. S. dos Impossíveis	1	3	3	3	3	3	3	23
Igreja Matriz de N. S. das Dores	1	3	1	2	2	3	3	17
Cruzeiro de São Sebastião	1	1	1	2	1	0	1	9
Rampa de Voo Livre	2	2	3	2	1	1	2	18
Sítio Arqueológico do Jatobá	1	1	3	2	1	0	2	14
Gruta de Jesuino Brilhante	1	2	2	2	1	0	2	13
PAU DOS FERROS								
Terminal Turístico	1	2	1	2	1	1	2	12
Igreja Matriz N. S. da Conceição	1	3	2	3	3	3	3	21
Obelisco do Centenário	1	1	1	0	2	3	3	13
Praça Monsenhor Caminha	1	2	1	3	2	3	3	17
Casa de Cultura Popular	1	3	2	3	2	2	3	19
Centro de Artesanato Maria Genúria Aires Rego	1	2	1	3	2	3	3	17
Mercado Público M. Antônio Soares de Holanda	0	0	1	1	2	0	3	8
Aeroporto de Pau dos Ferros	1	0	1	1	1	2	2	10
Prefeitura de Pau dos Ferros	2	0	1	3	2	3	3	17
Capela de São Benedito	1	0	1	2	2	0	2	10
Praça de Eventos N. S. da Conceição	2	1	1	3	3	3	3	19
Barragem de Pau dos Ferros	1	0	1	1	0	0	1	6
Museu da Cultura Sertaneja	2	1	2	2	2	2	2	17
Feira Livre de Pau dos Ferros	1	0	1	1	0	0	1	6
PORTALEGRE								
Mirante da Boa Vista	0	1	1	2	1	1	1	8
Igreja de Nossa Senhora da Conceição	0	0	1	2	2	0	2	8
Mirante Alto da Serra	0	1	1	1	2	2	2	10
Mirante da Ponta da Serra	1	0	2	0	1	0	1	8
Torres de Portalegre	2	0	2	1	1	0	1	11
Casa de Câmara e Cadeia	0	0	1	0	1	0	3	6
Cachoeira do Pinga	1	1	2	1	1	1	1	11
Terminal Turístico da Fonte Bica	1	1	2	2	1	2	2	14
SÃO MIGUEL								
Açude do Jacó	0	0	1	2	0	0	1	5
Parque da Lagoa de São Miguel	1	1	1	3	1	1	2	12
Praça de São Miguel	0	0	0	2	2	1	3	8
Serra do Serrote Verde	1	1	1	1	1	0	2	9
Açude Bonito	1	0	1	1	0	0	1	6
SERRINHA DOS PINTOS								
Igreja de Nossa Senhora da Salette	1	2	1	3	2	2	3	16
Pedra do Nariz	1	2	2	2	1	0	1	12
Terminal Turístico	1	2	1	3	2	2	2	15
Lajedo de Tota	1	1	2	2	1	0	2	12
Lajedo de Bastiões	1	2	2	3	1	0	1	13
RIACHO DA CRUZ								
Trilha do Poço da Vaca	0	0	1	2	1	2	1	8
VENHA VER								
Santuário de Frei Damião	1	1	2	2	1	0	2	12
Marco das Três Fronteiras	0	0	0	0	0	0	1	1
Igreja N. S. do Perpétuo Socorro	1	0	1	1	2	0	3	10
Serra de São José	1	0	1	1	1	0	1	7
Mirante da Boa Vista	1	0	1	1	1	0	1	7
VICOSA								
Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro	0	0	1	1	2	0	2	7

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Com base nos resultados da hierarquização dos atrativos, foram estabelecidos índices de viabilidade turística, com o objetivo de indicar quais atrativos são passíveis de receberem investimentos públicos ou privados, bem como com a finalidade de apoiar os gestores públicos e privados na tomada de decisões.

Os índices de viabilidade foram calculados tendo como base a média da pontuação de todos os atrativos do polo. A partir da média e o desvio padrão da pontuação de todos os atrativos do polo, foram definidas três faixas de corte da pontuação, a fim de classificar os atrativos em inviáveis, viáveis com grandes adequações e viáveis com pequenas adequações. Para fins deste estudo, apenas os atrativos considerados inviáveis não são considerados como passíveis à implantação de SOT.

Assim, os atrativos classificados como inviáveis, foram aqueles que possuíram pontuação abaixo do valor da média do polo, menos o desvio padrão, ou seja, atrativos com uma pontuação entre 0 e 6 pontos.

Os atrativos considerados viáveis com grandes adequações, foram aqueles que possuíram uma pontuação entre 7 e 14 pontos, ou seja, entre a média e mais ou menos um desvio padrão. Por conseguinte, os atrativos considerados como viáveis com pequenas adequações foram aqueles que apresentaram uma pontuação acima da média mais o desvio padrão, ou seja, pontuações entre 15 e 23 pontos.

Nas Figura 9, 10, 11 e 12 é apresentado o resultado da classificação de viabilidade, de acordo com as pontuações supracitadas:

Figura 9 –Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – viável com pequenas adequações

Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano		
Critérios	Atrativo	Município
Viável com pequenas adequações (15 a 23)	Igreja de Nossa Senhora da Conceição	Alexandria
	Lajedo Soledade	Apodi
	Olho D'água Park Hotel	Caraúbas
	Igreja de Santa Luzia	Doutor Severiano
	Complexo Turístico Mirante	Luís Gomes
	Cachoeira do Relá	Luís Gomes
	Igreja de Senhora Santana	Martins
	Igreja Matriz N. S. da I. Conceição	Martins
	Museu Histórico de Martins	Martins
	Museu Cultural Demétrio Lemos	Martins
	Mirante da Carranca	Martins
	Mirante do Canto	Martins
	Mirante Encanto da Serra	Martins
	Mirante Mãe Guilé	Martins
	Casa de Pedra	Martins
	Santuário de N. S. dos Impossíveis	Patu
	Igreja Matriz de N. S. das Dores	Patu
	Rampa de Voo Livre	Patu
	Igreja Matriz N. S. da Conceição	Pau dos Ferros
	Praça Monsenhor Caminha	Pau dos Ferros
	Casa de Cultura Popular	Pau dos Ferros
	Centro de Artesanato Maria Genúria Aires Rego	Pau dos Ferros
	Prefeitura de Pau dos Ferros	Pau dos Ferros
Praça de Eventos N. S. da Conceição	Pau dos Ferros	
Museu de Cultura Sertaneja	Pau dos Ferros	
Igreja de Nossa Senhora da Salete	Serrinha dos Pintos	
Terminal Turístico	Serrinha dos Pintos	

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 10 –Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – viável com grandes adequações

Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano		
Critérios	Atrativo	Município
Viável com grandes adequações (7 a 14)	Casa de Cultura Popular	Alexandria
	Serra da Barriguda	Alexandria
	Escola Waldemar Sousa Veras	Alexandria
	Barragem de Santa Cruz	Apodi
	Centro Histórico de Apodi	Apodi
	Paróquia de São Sebastião	Caraúbas
	Casa de Cultura Popular de Caraúbas	Caraúbas
	Mercado Público de Caraúbas	Caraúbas
	Associação Artística, Cultural e Musical	Doutor Severiano
	Casa de Cultura de Frutuoso Gomes	Frutuoso Gomes
	Trilha do Pé de Serra	Frutuoso Gomes
	Museu Mumbaça	Frutuoso Gomes
	Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro	Frutuoso Gomes
	Igreja de São Francisco de Assis	José da Penha
	Açude da Barra	José da Penha
	Mercado Público de Luís Gomes	Luís Gomes
	Alto do Tabor	Luís Gomes
	Cruz dos Três Heróis	Lucrécia
	Casa de Egídio Dias	Lucrécia
	Caldeirões	Lucrécia
	Nicho Nossa Senhora do Livramento	Martins
	Memorial Manoel Lino de Paiva	Martins
	Museu Junior Marcelino	Martins
	Pedra Rajada	Martins
	Pedra do Sapo	Martins
	Associação Comunitária Sociocultural	Major Sales
	Museu Cultural Francisca Dantas de Moraes	Major Sales
	Museu Cultural de Major Sales	Major Sales
	Museu Rural de Patu	Patu
	Cruzeiro de São Sebastião	Patu
	Sítio Arqueológico do Jatobá	Patu
	Gruta de Jesuíno Brillhante	Patu

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 11 – Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – inviável (Parte 01/02)

Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano		
Critérios	Atrativo	Município
	Terminal Turístico	Pau dos Ferros
	Obelisco do Centenário	Pau dos Ferros
	Mercado Público M. Antônio Soares de Holanda	Pau dos Ferros
	Aeroporto de Pau dos Ferros	Pau dos Ferros
	Capela de São Benedito	Pau dos Ferros
	Mirante da Boa Vista	Portalegre
	Igreja de Nossa Senhora da Conceição	Portalegre
	Mirante Alto da Serra	Portalegre
	Mirante da Ponta Serra	Portalegre
	Torres de Portalegre	Portalegre
	Cachoeira do Pinga	Portalegre
	Terminal Turístico da Fonte Bica	Portalegre
	Parque da Lagoa de São Miguel	São Miguel
	Praça de São Miguel	São Miguel
	Serra do Serrote Verde	São Miguel
	Pedra do Nariz	Serrinha dos Pintos
	Lajedo de Tota	Serrinha dos Pintos
	Lajedo dos Bastiões	Serrinha dos Pintos
	Trilha do Poço da Vaca	Riacho da Cruz
	Santuário de Frei Damião	Venha Ver
	Igreja N. Senhora do Perpétuo Socorro	Venha Ver
	Serra de São José	Venha Ver
	Mirante da Boa Vista	Venha Ver
	Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro	Viçosa

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Figura 12 –Viabilidade turística dos atrativos do Polo Serrano – inviável (Parte 02/02)

Viabilidade Turística dos Atrativos do Polo Serrano		
Critérios	Atrativo	Município
Inviável (0 a 6)	Serra de Santana	Alexandria
	Instituto Zulmirinha Veras	Alexandria
	Zoológico de Pedras	Apodi
	Casarão do Sabe Muito	Caraúbas
	Casa de Quincas Saldanha	Caraúbas
	Museu Cultural do Sertanejo Chico Bento	José da Penha
	Casa de Engenho	Luís Gomes
	Casa de Farinha	Luís Gomes
	Açude de Lucrecia	Lucrecia
	Trilha do Mirante de São João	Lucrecia
	Trilha do Pôr-do-Sol	Martins
	Reserva Ecológica do Senhor Clezinho	Martins
	Pontinho de Cultura	Major Sales
	Barragem de Pau dos Ferros	Pau dos Ferros
	Feira Livre de Pau dos Ferros	Pau dos Ferros
	Casa de Câmara e Cadeia	Portalegre
	Açude do Jacó	São Miguel
	Açude Bonito	São Miguel
	Marco das Três Fronteiras	Venha Ver

Fonte: Consórcio ATP/PREMIER (2016).

Cabe salientar que todas as pontuações foram atribuídas com base nas pesquisas e observação in loco realizada pelos pesquisadores, outrossim, as mesmas são passíveis de revisões à luz de critérios imparciais e estritamente técnicos, a fim de que se possa atingir resultados mais próximo da realidade dos atrativos.

5. Considerações

O diagnóstico turístico de uma localidade, realizado com base no repertório dos atrativos selecionados, é ferramenta imprescindível de planejamento, tendo como premissa a investigação do fenômeno turístico sob diferentes ângulos de observação, ou seja, sob a forma de segmentos de mercado.

Com base no diagnóstico turístico é possível desenvolver um plano funcional ou estudo preliminar, que corresponde representação, por meio de um esquema geral, da aplicação sintetizada dos critérios básicos definidos na estratégia de SOT. O plano funcional ou estudo preliminar consiste na definição e desenvolvimento do projeto para implantação de sinalização turística e rotas de acesso aos atrativos turísticos, contendo os elementos necessários e suficientes para o entendimento do objeto, nos seus aspectos conceituais e técnicos.

“Para o planejamento da sinalização, deve ser dada especial atenção às possibilidades de segmentação que consideram a motivação básica e as atividades turísticas características de determinado destino. Muitos são os segmentos decorrentes da observação sob esse prisma” (EMBRATUR, DENATRAN, IPHAN, 2001, p. 20).

A estratégia de sinalização é basicamente a definição de como pedestres e usuários de veículos podem utilizar a infraestrutura local, para atingir os atrativos existentes por meio da escolha dos melhores trajetos. Partindo-se da abrangência e do conhecimento que a população tem desses atrativos, é possível selecioná-los e hierarquizá-los.

A preservação e, ao mesmo tempo, a compreensão dos atrativos são uma constante nos dias de hoje. “O processo de preservação é extremamente complexo e, por que não dizer, difícil, tendo em vista que demanda recursos nem sempre disponíveis e, às vezes, vai de encontro a um processo de crescimento urbano nem sempre saudável” (RODRIGUES; AMORIM, 2018, p. 196).

A despeito de sua importância em nível nacional e internacional, o Polo Turístico Serrano não possui placas de SOT, sejam indicativas e/ou informativas e/ou interpretativas dos seus atrativos. Contudo, existem algumas placas comemorativas e placas indicativas, sendo todas sem um padrão definido e colocadas em locais geralmente, inapropriados, por dificultarem, de alguma forma, uma leitura plena de monumentos ou conjuntos urbanos.

Nota-se que é necessária a implantação de um sistema coerente de SOT no Polo, que contemple as normas de acessibilidade e visibilidade além das normas de

preservação dos monumentos históricos e artísticos, garantindo a informação e valorizando o conjunto de atrativos do Polo Serrano.

6. Referências

Amorim, E. S., & GOMES, K. B. M. Avaliação dos níveis de acessibilidade em vias públicas: estudo na Rua de Santa Cruz, Recife/PE. *In: XXXI Congresso Nacional de Pesquisa em Transporte da ANPET*, 2017, Recife/PE. Anais ANPET 2017.

Brasil. Ministério do Turismo. *Inventário da Oferta Turística – Estratégia de Gestão*. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

Brasil. Ministério do Turismo. *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo 07 - Relatório de Roteirização Turística*. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

Brasil. EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo. DENATRAN - Departamento Nacional de Trânsito. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Guia Brasileiro de Sinalização Turística*. 1 ed. Rio de Janeiro, 2001.

Moraes, A. G. Sinalização e turismo: análise da sinalização turística existente no espaço turístico do pontal norte em balneário Camboriú-SC. *Turismo y Desarrollo Local*. v. 3, n. 8, p. 1-20, 2010. Disponível em: https://econpapers.repec.org/article/ervturdes/y_3a2010_3ai_3a8_3a14.htm Acesso em: Dez/2022.

Rodrigues, A. P. & Amorim, E. S. Conceitos, argumentos, estratégias, métodos, técnicas e problemáticas envolvendo a implantação da sinalização de orientação turística em sítios históricos. *Revista Hospitalidade*. v. 15, n. 1, p. 180–197, 2018. Doi: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2018v15n1.805>

Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte – SETUR/RN. *Projeto Executivo de Sinalização Turística para os Polos Turísticos do Rio Grande do Norte -Serrano e Agreste/Trairi*. Autoria: Consórcio ATP/PREMIER. Natal: SETUR-RN, 2016.

Silva, V. P. & Castro, C. A. T. A percepção dos viajantes locatários de veículos sobre a sinalização de orientação turística de Natal-RN. *Turismo - Visão e Ação*. v. 19, n. 3, p. 589-613, 2017. Doi: <https://doi.org/10.14210/rtva.v19n3.p589-613>